

Brasília - Ano XV (5)

JÂNIO: O dia do eclipse total

Benedito Coutinho



As 18 horas do dia 25 de agosto de 1961, o "Correio Braziliense" levava aos seus leitores, através da sua primeira edição extra, a notícia da renúncia do sr. Jânio Quadros à Presidência da República. As chamadas "Forças Ocultas", que determinaram o acontecimento jamais foram identificadas pelo renunciante. Mas, meses depois, ele mesmo confessava que não tinha renunciado, afirmando que uma trama de comunistas e negociatas o tinha deposto. Nessa edição histórica aparecem as duas últimas fotos de Jânio como chefe do Governo. Na da esquerda, ele é visto no palanque, onde assistiu ao desfile do Dia do Soldado, ao lado do General Odílio Denis, Ministro da Guerra e do seu chefe do gabinete Militar, General Pedro Geraldo. Na outra, Jânio parece chorar, tendo o rosto pousado na sua mão direita, enquanto a outra se apoia na ilharga. Mas Jânio não chorava. Era apenas uma das suas atitudes chaplinianas.

Pela primeira vez, desde a sua fundação a 21 de abril de 60, as máquinas do "Correio Braziliense" trepidaram para lançar uma edição extra, saída das mãos nervosas de José Helder de Souza. Entardecia quando os jornalistas invadiram as ruas para vendê-la. E houve festa e alegria como no tempo de JK. Há sete meses batida pelo janismo, a cidade se esvaziara. Até os bichos vinham prenunciando a tempestade daquele dia. No cerrado, os jogos zurraram e os pássaros se acolheram aos ninhos.

Para a renúncia, toda a cenografia política do país tinha sido convocada. O palco foi armado na Esplanada dos Ministérios. Lá se desenrolaria o último ato. A maioria dos políticos, porém, que estava vivendo os minutos daqueles dias não tinha dúvidas de que algo de terrível estava para acontecer.

Lacerda, na faixa Rio-São Paulo, emborcava os tanques dos seus ataques virulentos. Ele tinha instilado a dúvida sobre o que poderia acontecer. Teria mesmo o ministro Oscar Pedrosa Horta tentado atraí-lo para o enredo de um golpe de Estado?

Quando na sexta-feira, dia 18, Lacerda se retirou furibundo de Brasília, duas eram as versões para a sua ira. A primeira delas teria sido a recusa de Jânio de salvar a falência o seu filho Sérgio. "Serginho não pode fracassar" - era, na versão palaciana, o clamor do governador da Guanabara. A segunda, pelo que depois se soube, congelava-se melhor com outros fatos de boa procedência. Quando Lacerda foi aconselhado por Jânio a ir conversar com o ministro Pedrosa Horta, deixou em Palácio a sua maleta de curta viagem. Deve ter sido uma conversa longa. Ele somente voltou ao Alvorada depois das 16 horas. Na Casa da Guarda, encontrou-a. Nela podia-se ler um recado silencioso, talvez mal interpretado pelo governador carioca: "Passe bem, boa viagem".

Certo ou errado, Lacerda viu na sua maleta, encostada a um canto da Guarda um acinte a sua pessoa. Inferiu-se disso que ele queria dormir em Palácio. Afinal de contas, não fosse ele, o morador do Alvorada ao invés de Jânio se chamaria Juraci Magalhães. O homem saiu despejando fogo.

Quem sabe, talvez tenha sido a singular farsa que os cientistas chamam de catalisador aquela maleta ali abandonada, entregue pelo soldado da Guarda ao governador da Guanabara, sem nenhuma explicação.

Uma outra explicação houve. Dizem que pelas salas cristalinas do Alvorada, como uma ninfal do lago, vagava vaporosa uma convidada do Presidente da República. Jânio simplesmente não queria convívios. Se verdadeira a história, logo se duvidará que tenha sido a proposta de Horta para um golpe contra as instituições o que enfureceu Lacerda. São verdadeiros os dois acontecimentos, segundo viventes daquela hora. Existiu a louca e existiu a proposta de Horta.

Sábado, domingo, segunda-feira, portanto, dias 19, 20 e 21 de agosto na sucessão do calendário. O clima estava formado. O céu de Brasília quando se prenuncia uma tempestade é algo semelhante. Nuvens escuras bordejavam o horizonte. Relâmpagos disputando o espaço e trovões longínquos. Enquanto Lacerda enchia o ar com a sua imagem esbravejante, a Câmara dos Deputados se transformava num torvelinho mais denso do que aqueles que os ventos de agosto fazem com a poeira de Brasília. Do dia 24 para o dia 25, acossados pelas denúncias do governador carioca, deputados e senadores encheram a noite de atropelos confusão e discursos.

O Líder José Maria Alkimim curtiu uma gripe no seu apartamento, ouvindo e discutindo com amigos os acontecimentos, quando chamaram-no pelo telefone para uma reunião de líderes. "Devo ir?" - consultou os presentes. Eram 9 horas da noite. O convite partia do deputado Afonso Celso. Alguns insistiram para que ele continuasse a repousar. Outros, como o mineiro Blazinho Fortes, queria que ele fosse. Rubens Bernardo, presente, recebeu do Rio um resumo da fala televisada de Lacerda. "Carlos" disse que Jânio quer dar o golpe? - era o resumo. Alkimim trocou o pijama e lá se foi no meio da noite. Almino Afonso, que era inteligente e fogaoso orador e que adorava despejar o verbo fa-

mejante, dominava o ambiente. Cada um refletia o seu grau de histeria. Resumindo a história, que pode ser lida no "Diário do Congresso" e nas folhas do "Correio Braziliense", o dia 25 de agosto amanheceu com o céu claro mas com o horizonte político cheio de nuvens mais negras do que aquelas que anunciarão o fim do mundo. A Câmara dos Deputados estava preparada para receber, seja por uma comissão de inquérito ou porque se convertera em comissão permanente, o governador Carlos Lacerda e o ministro Pedrosa Horta. Os deputados queriam tudo em pratos limpos.

Quem estivesse na parte fronteira do Palácio do Congresso, lá por volta das 11 horas, teria ouvido as marchas militares que a banda de música do Exército executava ao fim da parada do Dia do Soldado. Não tinha morrido no ar a última nota, subindo a rampa do Congresso, vi quando Ranieri Mazzilli passou disparado no seu Cadillac preto de presidente da Câmara. Atendia um chamado urgente do General Denis: "Prepare-se para assumir depois das 5 horas da tarde" - disse-lhe o Ministro da Guerra.

Ai então já se adensara demais o ar da política. Os raios calam por toda parte. Instintivamente me dirigi para o Palácio de Despacho. Carteira na mão, fui entrando. Lá dentro um velho colega, pertencente, a Assessoria, sem dizer-me nada, tomou-me o braço, apertando-o não com muita força, mas bastante para que eu sentisse que estava sendo posto para fora. E conduziu-me ao elevador. Sem dizer uma palavra. Mas vi que o ambiente era fúnebre. As salas todas trancadas.

As 13:30 horas, na Superquadra 107, quando tomava o carro para voltar ao Congresso, surpreendi o mesmo Cadillac negro de Mazzilli levando Alkimim no seu bojo. Coloquei o "Fusca" no seu encaixe. O líder possedista fez parar o carro, abriu a porta e, envolvido pela poeira vermelha levantada, gritou-me: "Depois em conto tudo". O estrategista Alkimim ia ouvir de Mazzilli o que tinha dito o general Denis.

As 14 horas, a tempestade já desabava. A confusão se estabeleceu. Na saída do Anexo I, do lado do Palácio do Planalto, encontrei o deputado Waldir Pires que vinha do Supremo Tribunal Federal, suando e pálido de emoção: "Jânio renunciou". Quando me virei para voltar, verifiquei que todo mundo já sabia da renúncia. Restava apenas a oficialização do ato. A UDN que ia se reunir para emprestar a Jânio "apoio e solidariedade", como queriam Adauto Cardoso e José Sarney, retirou-se da sala de reunião muda e cabibaiça. Não restava mais nada a fazer senão procurar conhecer se as desgraças anunciadas eram mesmo verdadeiras e o seu alcance. Naquela confusão dramática, lembrei-me de Edipo, todo mundo sabendo que ele tinha casado com a mãe e que do seu incesto havia filhos. Era a UDN, vendo fugir-lhe o poder que tanto lhe custara alcançar pelo voto, seu rei despendendo no vazio e na incerteza. O momento, não fosse do brasileiro Jânio, seria do grego Sófocles.

Nunca um partido político viveu tanto o drama das suas contradições. Era odiado pelo homem que elegera. Um instante sequer, porém, deixou de lutar por ele. Já não o amava como dantes, mas também não o odiava o bastante para vê-lo fugir e ser tragado por um abismo. Na hora em que Pedrosa Horta atravessou a sala do Congresso para entregar a carta renúncia ao Presidente do Senado apenas Nestor Duarte quis protestar, abrir caminho por entre os espectadores estupefatos que assistiam o espetáculo. "Isto não pode acontecer" - gritava ele. E entrou no plenário a gritar: "Peco a palavra".

O senador Moura Andrade agiu trilhando a linha reta. Ele que tinha sido durante anos o pagagreiro de Jânio, depois posto de lado, esquecido e desprezado, como de vezes futuras, tão dramáticas quanto aquela, foi inflexível. A sua pisada atravessando o espaço que levava do Senado à Câmara era firme e resoluta. Em 10 minutos, Jânio tinha o seu propósito homologado pelo Congresso. Nessa altura, ele já se refugiava em Cumbica, seu fim de linha.

E onde se encontrava o sr. João Goulart, vice-Presidente da República, sucessor natural de Jânio Quadros?

Singapura surgia como um nome mágico, den-

so de mistério oriental. Era lá onde ele pousava depois de ter deixado Pequim. Do outro lado do mundo. Alguém se arriscou - lembro-me dele - de informar: "Não é em Singapura que ele está, mas em Kuala-Lumpur?" E outro deputado do PTB, com toda aquela inteligência que Deus lhe deu, replicando: "Não complica, pelo amor de Deus".

Nunca se viu, porém, uma posse tão fulminante de Presidente da República. Antes das 18 horas, Mazzilli estava ostentando no peito de orlundo italiano, etrusco de raça, a faixa presidencial.

Pelos corredores da Câmara, simples embaixador recém-nomeado para a chefia da Delegação Permanente do Brasil na ONU, vagava silencioso o sr. San Thiago Dantas. A sorte que parecia tê-lo abandonado, estava se reaproximando dele.

Na ante-sala da Presidência da República, o general Odílio Denis, interpelado pelos repórteres sobre quando seria a posse do sr. João Goulart, respondia friamente: "Por acaso não já temos um Presidente da República?". Disse e saiu andando calmamente, enquanto todos o acompanhavam vindo na sua frieza e sisudez algo de terrível.

Naquele instante começou a crise da posse do sr. João Goulart. Mas esta é outra história e outro capítulo da História. Importante é contar - este o nosso objetivo o que se passou naquele dia. Jânio já não era mais Presidente da República. Tinha-se a sua renúncia escrita, três linhas singelas e indiscutíveis. Do Palácio vinha um relato oficial da sua decisão, fornecido pelo seu Secretário de Imprensa, o Carlos Castello Branco. Também uma carta do próprio Jânio Quadros, explicando seu gesto, era lida com sofreguidão. Esta era no fundo e na forma, algo semelhante à Carta Testamentária de Getúlio. Afinal de contas, quando a Igreja de Fátima badalou a Ave Maria, tudo tinha acontecido.

Dai por diante, desse 25 de agosto de 1961, resta na lembrança o pitoresco das situações. Quando a vaga da maré montante refletiu, os petebistas se sentiram donos do Poder. Lembrou-me de um petebista gritando a sua alegria: "A rapadura agora é nossa".

Onde estaria João Goulart? Cada um tinha uma idéia de procurá-lo em algum lugar. Por volta das 8 horas da noite, correu célere o boato. Jango estava desembarcando no aeroporto de Brasília. Foi um corre-corre dos diabos.

Seu o meu fraco desde a infância a geografia, tomei o líder Almino Afonso pelo braço e lhe disse: "Esta é demais, Almino, somente montado num "sputnik" Jango chegaria hoje em Brasília, vindo de Singapura". Mas tanto o líder como os seus liderados pareciam embriagados, delirando e rindo. Formou-se um cortejo para recepcionar o vice-Presidente João Goulart no aeroporto.

Como o repórter não deve discutir os acontecimentos, também me incorporei à caravana. Acontece que, trocando idéias com um colega, fui no carro dele. Ao partir, olhei para cima. Uma lua cheia, imensamente iluminada, dominava o céu. O luar espalhava mais claridade do que todas essas lâmpadas de mercúrio de hoje em dia. E cortando a luz da lua fomos para o aeroporto. Lá chegamos. Era o sítio mais solitário contrastando com a cidade que vivia horas, minutos, de trepidação política. Conversa daqui, conversa dali, os petebistas convenceram-se de que não havia nenhum avião para chegar e que também não era possível viajar-se de Singapura a Brasília no espaço de horas.

Voltamos. Aqueles homens prestes a subirem ao poder eram a imagem da decepção. Outros mais espertos, mais conscientes das distâncias geográficas, como Juscelino e San Thiago Dantas, tentavam falar com Jango pelo telefone.

Quando desci do carro do amigo para o meu, algo de anormal tinha acontecido. Nunca vi céu mais negro em toda a minha vida. Seguer uma estrela piscava. E pensei comigo se estava doído na hora em que, minutos antes, me deslumbrava com uma esplêndida lua. No dia seguinte, nas páginas do "Correio Braziliense", ao lado do noticiário político, lá se encontrava uma pequena nota: "Eclipse total da Lua visto de Brasília".